



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Ana Carolina Rysdyk da Silva

**“Ah Sora, se eu não acreditar em mim, quem vai acreditar?”**  
**Histórias de vidas resilientes: O que podemos aprender com elas?**

Porto Alegre  
1. Semestre  
2010

Ana Carolina Rysdyk da Silva

**“Ah Sora, se eu não acreditar em mim, quem vai acreditar?”  
Histórias de vida resilientes: O que podemos aprender com elas?**

Trabalho de Conclusão apresentado à comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Darli Collares

Porto Alegre

1. Semestre

2010

Ao concluir este trabalho quero agradecer...

à minha mãe pela proteção a mim dedicada, pela força, garra e motivação que sempre mostrou diante dos obstáculos que a vida nos impôs. Pelo exemplo vivo de resiliência, o qual desencadeou meu desejo de escrever este trabalho;

ao meu pai, pelo melhor abraço do mundo, pela compreensão, pelo amor, pela simplicidade e por me ensinar a ser mais humana;

aos meus grandes irmãos, Pedro e Victor, por terem dado sentido à minha existência durante tantos anos, por continuarem a me ouvir e a falar, e também às pequenas Luísa e Joana porque enchem a minha vida de alegria;

à minha orientadora, querida Darli Collares, pela inesgotável paciência e tranquilidade com que sempre me recebeu e pelas inúmeras contribuições para a escrita e para a vida;

à Camile Pegoraro, que me acompanhou durante a escrita deste trabalho, pelo amor e amizade;

à Niná e a Mariana, pela ternura das palavras, pelo afeto e por estarem sempre ao meu lado, independente das circunstâncias;

às minhas amigas de Triunfo, pela companhia mesmo de longe, pelos emails acalentadores, pelas risadas fora de hora, pelo amor incondicional;

ao Matteus pelo amor à mim dedicado durante tanto tempo;

e a todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação acadêmica e para a realização deste trabalho.

“(…) Reaprender a sonhar  
Você verá que é mesmo assim,  
que a história não tem fim  
Continua sempre que você responde sim  
à sua imaginação  
A arte de sorrir cada vez que o mundo diz  
não”.

Guilherme Arantes – Brincar de Viver

## RESUMO

Este trabalho, de caráter teórico-reflexivo, aborda o conceito de Resiliência na vida das pessoas e as suas contribuições para a formação e promoção pessoal. Este estudo surgiu a partir do memorial da minha própria vida, elaborado no início do presente estudo e tem como objetivos refletir sobre histórias de vida, principalmente, dos alunos do estágio realizado no 7º semestre do curso de Pedagogia e vincular o conteúdo dessas histórias com a capacidade de superação das adversidades apresentadas por essas pessoas. Pesquisa com abordagem qualitativa do tipo História de Vida que utilizou-se de ferramentas teórico-metodológicas como a gravação de conversas com os alunos e suas famílias e o memorial acima citado. O referencial teórico abarca os autores José Tavares (2001), Maria Angela Mattar Yunes (2001), Helena Ralha-Simões (2001), Heloísa Szymanski (2001), Anabela M. S. Pereira (2001), Paulo Freire (1999), entre outros, que auxiliaram no desenvolvimento do tema central deste trabalho: o conceito de Resiliência. A partir das análises das conversas gravadas com os depoentes e das leituras feitas ao longo do semestre, reflito sobre a necessidade de tornar-se *resiliente*, não apenas para passar pelas adversidades da vida, mas para compreender melhor a sociedade em que estamos inseridos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Resiliência. Histórias de Vida. Desenvolvimento

## SUMÁRIO

<b>1 (RE)DESCOBRIR MEU LUGAR</b> .....	6
<b>2 DO QUE ESTOU FALANDO, AFINAL?</b> .....	09
<b>3 O DELINEAR DO CAMINHO</b> .....	15
<b>4 DANIEL, GABRIEL, SAMUEL: NOMES COM RIMA, HISTÓRIAS COM COR</b> .....	16
4.1 A HISTÓRIA DO DANIEL: DANDO A VOLTA POR CIMA .....	16
4.2 HISTÓRIA DO GABRIEL: O DESEJO DE APRENDER.....	22
4.3 HISTÓRIA DO SAMUEL: TALVEZ SIM, TALVEZ NÃO .....	26
<b>5 (RE)APRENDER A SONHAR</b> .....	32
<b>6 FIM OU (RE)COMEÇO?</b> .....	34
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37
<b>ANEXOS - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO</b> .....	38

## 1 (RE)DESCOBRIR MEU LUGAR...

Este trabalho marca o final de uma trajetória de quatro anos de estudos. Quatro anos de leituras dos mais diversos teóricos, de práticas consistentes, cheias de vida. Vidas essas, que vieram a fazer parte deste estudo, deste trabalho de conclusão de um curso que me possibilitou trabalhar com pessoas e suas mais variadas histórias. E são essas histórias de vida que fizeram com que eu retornasse a minha prática de estágio, do 7º semestre de faculdade, e andasse pelas ruas, pelas casas e pelas vidas dos meus alunos. E nessas andanças eu encontrei mais do que a saudade guardada daqueles pequenos sujeitos. Encontrei no sorriso de cada um deles a vontade de seguir em frente e a força para enfrentar o que a vida vier a apresentar.

Depois de escrever sobre a minha trajetória até o curso de Pedagogia da UFRGS, me dei conta de como me dá prazer escrever histórias. Principalmente se são histórias reais, de pessoas de carne e osso e emoção, que trazem consigo marcas de uma vida. Então, para escrita deste trabalho, precisei encontrar um foco que não fugisse das ricas histórias de vida que gostaria de escutar e escrever, bem como me desse o aporte teórico necessário para a escrita de um trabalho acadêmico. Foi na busca por esse foco que me encontrei com este novo conceito, estudado há pouquíssimo tempo por pesquisadores das áreas humanas. Um conceito que veio da física, mas que se encaixa perfeitamente com a vida de muitas pessoas: a *resiliência*.

Então, para situar o leitor, este estudo começa teorizando sobre esse novo conceito. Um capítulo para explicar do que é que eu quero falar, afinal. O conceito é discutido por vários teóricos e abrange desde seu significado original, oriundo da física – citado por Yunes e Szymanski (2001) como a capacidade de uma substância, que submetida à pressão, tem de retornar à sua forma original quando a pressão é removida; em outras palavras, flexibilidade – até o significado que vem sendo adotado por estudiosos das ciências humanas e biológicas, que, no caso, é o campo de estudo deste trabalho – definido por Tavares (2001) como a capacidade que as pessoas desenvolvem para resistir a situações adversas, readaptando-se frente ao problema, dando a volta por cima e retomando a sua posição estável inicial.

Esse capítulo discute os significados do constructo adotado pela Psicologia e pela Educação e reflete, ainda que inicialmente, sobre as possibilidades de tornar-se resiliente para assim, melhor enfrentar os problemas que a vida impõe.

O segundo capítulo fala da vida de Daniel, Gabriel e Samuel<sup>1</sup>. Um depoimento real e emocionante que conta a trajetória de um menino de Pelotas até tornar-se homem e morador da capital, Porto Alegre. Ele conta com detalhes todos os problemas que enfrentou desde que saiu de casa, aos dez anos para estudar em um internato até o dia em que conheceu a mulher que, segundo ele, mudou a sua vida. Daniel é hoje, pai de uma das alunas que tive durante o estágio. A intenção de conversar com a família da menina consistia em recolher depoimentos que apresentassem comportamentos resilientes dentro da estrutura familiar e da educação das duas filhas (nove e dez anos). No entanto, a conversa acabou gerando lembranças de quase cinco décadas para o pai de família, que, a princípio, deveria ser personagem coadjuvante, mas que ganhou papel principal quando resolveu contar a mim, a história de vida resiliente que teve.

Nesse mesmo capítulo conto a história de vida e de luta de um menino de 9 anos, que quer ser jogador de futebol do *Sport Club Internacional*. Esse menino foi também aluno de estágio e sempre demonstrou muita afinidade com a bola, assim como comigo. Gabriel é um menino que corre, brinca e ri muito. Está sempre cheio de energia e disposição. A conversa com ele e sua mãe começou com a mesma intenção da primeira história: a busca de ações resilientes dentro de uma composição familiar. Como a família agia frente a algumas adversidades e como compartilhava isso com os demais membros da família. Mas, mais uma vez, a conversa tomou outro viés e acabou acompanhando o caminho que Gabriel vinha fazendo para tentar entrar nas categorias de base de seu time do coração.

A última história desse capítulo buscou demonstrar comportamentos não resilientes. Episódios da vida de Samuel, doze anos – que tem a mesma origem dos demais sujeitos estudados: foi meu aluno de estágio – que não confia em si mesmo. Não acredita que possa ser melhor, tampouco que vai “ser alguém na vida” (tirado da fala do próprio menino). Insiste em repetir que é pobre e que nunca vai ter nada. Samuel é o filho mais novo de quatro irmãos e enfrenta em casa o preconceito da

---

<sup>1</sup> Os nomes foram trocados para preservar a identidade dos sujeitos.



família sobre seu irmão mais velho, que está preso por assalto a mão armada, do qual ele relata gostar muito.

Para encerrar, reflito sobre as histórias, sobre dificuldades que cada um encontrou para seguir em frente, sobre a necessidade de tornar-se resiliente, não apenas para passar pelas adversidades da vida, mas para compreender melhor a sociedade em que estamos inseridos. Assim, Daniel, Gabriel e Samuel dão, a este trabalho, rima e cor.

No fim das contas, pensando bem, este trabalho não marca somente um final, mas também um (re)começo de uma trajetória: a minha.

## 2 DO QUE ESTOU FALANDO, AFINAL?

Ajudar as pessoas a descobrir as suas capacidades, aceitá-las e confirmá-las positiva e incondicionalmente é, em boa medida, a maneira de as tornar mais confiantes e resilientes para enfrentar a vida do dia-a-dia por mais adversa e difícil que se apresente (TAVARES, 2001, p.52).

No presente capítulo, investigo o conceito de resiliência estudado por alguns autores, mas ressalto que, como o tema é relativamente novo, ainda não existem tantas bibliografias a serem pesquisadas no campo da educação. Vale também dizer que este trabalho não visa confrontar autores, tampouco estudá-los a fundo. Utilizamos este construto para discutir as maneiras que os sujeitos encontram para superar as adversidades.

As diversas transformações pelas quais a sociedade em que vivemos tem passado inspiraram um novo movimento de trabalho e de vida de muitas pessoas. Este novo movimento de trabalho vem acompanhado de conflitos gerados todos os dias àqueles que são submetidos a viver neste clima de disputa e competição. Mas essas dificuldades e desafios que se apresentam também fazem gerar condutas benéficas a esses sujeitos que, por sua vez, acabam por responder positivamente às expectativas suas e da sociedade em que está inserido.

É nesse sentido que estudos nas áreas humanas vem sendo desenvolvidos: seguir na mesma direção das pessoas que se desenvolvem de forma saudável diante de circunstâncias mais adversas e voltar o interesse para as potencialidades e habilidades dos sujeitos.

Com isso, pergunta-se: como algumas pessoas conseguem reagir de forma sadia, frente a um contexto desfavorável? Neste caminho é que se encontram estudos sobre um novo significado de um antigo conceito: a resiliência.

A definição da palavra Resiliência tem sido discutida no Brasil há poucos anos, principalmente em estudos acadêmicos. Porém, em alguns países da Europa e também nos Estados Unidos, já existe um maior número de estudos que incluem a resiliência como um conceito da psicologia, que explica o significado da palavra como a capacidade de um sujeito enfrentar problemas, resistir a situações

desfavoráveis à própria vida, superando estes problemas e aprendendo com os mesmos.

Yunes e Szymanski (2001, p. 14) comentam que

“o dicionário de língua portuguesa Novo Aurélio, de Ferreira (1999), diz que na Física, resiliência é ‘a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica’. No sentido figurado, o mesmo dicionário aponta o termo como ‘resistência ao choque”.

Já no dicionário de língua inglesa *Longman Dictionary of Contemporary English*, na edição de 1995, as autoras (p.14) apontam que se encontram os dois raciocínios para o termo: o primeiro se refere à “habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades etc.: resiliência de caráter”; a segunda define como “habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade”. Esta última evidencia o conceito original de resiliência, que busca estudar até que ponto um material sofre impacto e não se deforma. Neste dicionário encontramos tanto o termo aplicado à resiliência de materiais, quanto a pessoas. Yunes e Szymanski (2001. p. 15) completam dizendo:

Como se pode ver, os dois dicionários apontam para conceituações semelhantes e ao mesmo tempo divergentes, pois no dicionário de português a referência é feita apenas à resiliência de materiais, e mesmo no sentido figurado, nada é especificamente claro para a compreensão do que seja a resiliência quando se trata de pessoas. Já o dicionário de inglês confirma a prioridade ou maior familiaridade para o uso do termo em fenômenos humanos, apontando em primeiro plano a definição neste sentido.

Pensando nisso, fiz uma busca em dicionários on line de língua portuguesa do Brasil e também de Portugal. No dicionário Michaelis do Brasil (2010), pude verificar que o verbete somente contempla o conceito de resiliência como elasticidade, ato de retorno de mola, recuperação, referindo-se ao conceito original da física. Entretanto, no dicionário Priberan (2010) de Portugal, o significado é contemplado tanto no aspecto físico quanto no figurado – este último fala em capacidade de superar, de recuperar de adversidades. Isso nos remete à área humana como a capacidade de adaptar-se à mudança.

O termo pode ser empregado como a capacidade humana de adaptação ou recuperação diante de enfrentamentos de adversidade. Ser resiliente denota ter um comportamento positivo apesar das situações desfavoráveis. Podemos, assim, definir resiliência como a habilidade que algumas pessoas apresentam de superar as adversidades da vida, para buscar uma melhora significativa, uma vitória, superação dos problemas.

Yunes e Szymanski (2001) comentam que o estudo da resiliência é recente na psicologia. Estudiosos pesquisam há quase trinta anos, mas apenas nos últimos cinco anos o termo tem sido discutido em congressos internacionais. Pesquisadores de áreas como física, engenharias, entre outras exatas, conhecem o conceito de resiliência, enquanto que educadores, psicólogos, sociólogos e afins, não conhecem a palavra e quando conhecem, não sabe o seu uso formal. Yunes e Szymanski (2001, p.16) lembram que “a psicologia apropriou-se de um conceito construído dentro de um modelo matemático, e devemos ter muita cautela para não incorrer em comparações indevidas”. De fato, a definição na área humana não é tão precisa quanto na física, mas as autoras afirmam que o que deve ser levado em conta, no estudo dos fenômenos humanos, são muitos fatores.

Para apenas usar uma metáfora, poder-se-ia dizer que a relação tensão/pressão com deformação não-permanente do material corresponderia à relação situação de risco/estresse/experiências adversas com respostas finais de adaptação/ajustamento no indivíduo, o que ainda nos parece bastante problemático, haja vista as dificuldades em esclarecer o que é considerado risco e adversidade, bem como adaptação e ajustamento (op.cit., p.16).

Encontramos ainda em Tavares (2001) o conceito de resiliência podendo ser discutido sob três aspectos: o físico, o médico e o psicológico. No primeiro, a resiliência significa a resistência de um material que, mesmo exposto ao choque, à deformação, à pressão, consegue voltar a sua forma original ou inicial se for forçado a isso. Por exemplo, uma mola. No segundo, a resiliência seria a capacidade de um indivíduo resistir a uma doença através de uma intervenção por meio de medicamentos ou ainda por si próprio. E, no terceiro, a resiliência é trazida por Tavares como uma capacidade de as pessoas resistirem a situações adversas, na maioria das vezes, situações ruins ao indivíduo, reequilibrando-se, adaptando-se e acomodando-se frente ao problema, retomando a sua posição estável inicial.

Esse último apresenta um conceito de resiliência que pode ser usado também na área da Educação, isso sem excluir a possibilidade de Educação e Psicologia trabalharem juntas o conceito. Assim percebemos o quanto ele pode ser significativo se levarmos em conta os diversos problemas familiares, de saúde ou ainda econômicos que muitos sujeitos enfrentam todos os dias e que recaem sobre suas vidas, gerando decepções, sofrimento e depressões quando não conseguem resolvê-los.

Um sujeito que consegue reagir frente aos desafios e às dificuldades, para assim organizar-se em sua vida prática, demonstra resiliência. Isso nos traz à discussão, mais uma vez, as palavras de (Tavares. op.cit., p. 62.), que explica o conceito de resiliência como

“a capacidade de responder de forma mais consciente aos desafios e dificuldade, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante destes desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio eficaz durante e após os embates. Um atributo de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente.

Ralha-Simões (2001, p.108) traz à baila o conceito ressaltando que ser resiliente contrapõem-se à “rigidez defensiva” e que a definição não se dá como uma armadura que protegeria o sujeito dos problemas, mas como algo flexível, que permite a interação com o problema, adaptando-se, assim, a ele e às adversidades por ele impostas. Assim, resiliência seria uma melhor forma de lidar com as circunstâncias presentes ao longo da vida.

O indivíduo resiliente parece de fato salienta-se por uma estrutura de personalidade precoce e adequadamente diferenciada, a par com uma acrescida abertura a novas experiências, novos valores e a fatores de transformação dessa mesma estrutura, que apesar de ser bem estabelecida, é flexível e não apresenta resistência à mudança. (op.cit.).

Estudar a resiliência em sujeitos que passam por dificuldades pode ser uma via para mostrar que há possibilidade de dar a volta por cima e também de ensinar a dar a volta por cima.

A maneira de pensar sobre como o ser humano compreende a própria vida tem sofrido contribuições das pesquisas sobre resiliência e fundamentam-se não

mais em modelos de risco como doenças e pobreza, mas em possibilidades de enfrentamentos e oportunidades que há à sua volta, contemplando assim o sujeito como causador da sua promoção e construção.

Tavares (2001) ainda considera que a resiliência não deve ser apenas uma ação individual, de um único sujeito, mas pode ser trabalhado em instituições, tentando assim fazer gerar uma sociedade mais resiliente. Para ele, uma organização resiliente é uma organização reflexiva, onde as pessoas são responsáveis, competentes, e funcionam numa relação de confiança e solidariedade. “Trata-se de organizações vivas, dialéticas e dinâmicas cujo funcionamento tende a imitar o do próprio cérebro que é altamente democrático e resiliente” (Tavares, 2001, p.60).

“Tornar as organizações mais resilientes e, pois, desenvolver nelas capacidades que as tornem mais flexíveis e rápidas possível nas suas respostas e, ao mesmo tempo, mas seguras, rigorosas, adequadas, de melhor qualidade.” (op.cit., p.59)

Tavares também apresenta outro sentido para o termo. Ele aponta que o desenvolvimento da capacidade de resiliência nos sujeitos se dá também pela sua capacidade de querer ser alguém e de ter auto-estima para tanto.

“A pessoa como um sujeito que toma decisões terá que ser capaz de auto-regular-se com base numa verdadeira auto-estima e auto-controle que pressupõem não apenas conhecimentos abstratos a nível cognitivo e metacognitivo mas também conhecimentos concretos, experienciais em que a emoção, o sentimento, à luz dos estudos e investigações mais avançadas sobre a matéria, assumem uma importância primacial” (op.cit., p. 57).

Seguindo a mesma perspectiva de Tavares, Pereira (2001) afirma que as instituições de ensino deverão começar a pensar em como valorizar o desenvolvimento do sujeito, de forma a promover seus alunos e prepará-los para um maior controle do estresse e assim, ajudar na construção de um sujeito que seja resiliente durante toda a sua existência, para que ele saiba, todas as vezes que tiver de enfrentar infortúnios, como passar por cima e sair ileso.

Deste modo, Pereira (op.cit., p.87) aponta que

Uma das grandes apostas para o próximo milênio será tornar as pessoas mais resilientes e prepará-las para uma certa invulnerabilidade que lhes permita resistir a situações adversas que a vida proporciona.

Uma organização mais resiliente deverá visar o melhor desenvolvimentos dos sujeitos que a constituem, assim como responder mais rápida e eficazmente aos problemas que lhe aparecem. Tavares (2001) nos alerta para o fato de que uma organização resiliente terá êxito quando for democrática, onde seus formadores têm voz e autonomia para conseguirem se desenvolver como sujeitos resilientes e de que esta deverá rebater as perguntas e ordens que lhe forem dadas de forma rápida e flexível. Completa dizendo que “uma sociedade mais resiliente assenta em pressupostos organizacionais mais democráticos, mais flexíveis, mais autônomos” (op.cit., p.58).

O autor discute, ainda, a importância das escolas serem algumas dessas organizações acima citadas, as quais possam tornar seus alunos e professores autônomos e resilientes. Que a educação possa ajudar nesse processo de formação de pessoas.

“Talvez, voltando ao sentido etimológico de resiliência ‘como a qualidade de um material ao choque, à tensão, à pressão que lhe permite voltar à sua forma ou posição inicial’ que os dicionaristas registram, pudéssemos dizer que o que se pretende, na sociedade emergente, através da educação e da formação, é tornar pessoas mais resilientes e prepará-las para uma certa invulnerabilidade que lhes possibilite resistir sem quebrar a situações altamente adversas, agressivas e, até, violentas que a vida certamente lhes irá colocar” (op.cit., p. 47).

Por fim, reflito: o quão importante é promovermos situações nas quais os nossos alunos possam desenvolver a capacidade de superar as situações adversas, tornando-se, eles próprios, sujeitos resilientes.

### **3 O DELINEAR DO CAMINHO...**

Este estudo, para sustentar-se como científico, exige que seja exposto o modo como se procedeu a pesquisa. Necessita-se que se utilizem alguns métodos para reunir as informações necessárias para a escrita do estudo, para que possamos ensaiar a busca de respostas para alguns de nossos questionamentos iniciais. Com isso, posso afirmar que a pesquisa teve uma abordagem qualitativa frente às histórias de vida apresentadas e utilizou-se de ferramentas teórico-metodológicas com algumas características etnográficas. Para a coleta das informações, recorreu-se à gravação das conversas com os alunos e suas famílias, além das análises destas falas e da ação reflexiva sobre as mesmas.

Foram analisados alguns casos e histórias contadas pelos protagonistas das mesmas, com o foco nas práticas resilientes que eles empregam suas falas nos permitem inferir.

Para tanto é necessário que entendamos onde os sujeitos da pesquisa estão inseridos e de que forma estes compreendem o lugar onde vivem. Não pretendi aqui, deslocar esses sujeitos para fora de sua realidade, mas sim, compreender as relações que eles estabelecem com o meio.

O trabalho se deu, sobretudo, através da gravação de conversas com ex-alunos, que fizeram parte da minha prática enquanto professora no estágio curricular, e que traziam nas suas falas, práticas resilientes. Antes do início das conversas, os participantes foram informados sobre os objetivos deste estudo e foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Informado.

A busca por este estudo iniciou-se pelo memorial escrito no início do semestre e, mais tarde, pela apropriação do conceito de Resiliência segundo autores como José Tavares, Maria Angela Yunes, Helena Ralha Simões, Heloísa Szymanski, Anabela Pereira (2001), já referidos no capítulo anterior.

Nesse caso eu, enquanto pesquisadora, coloquei-me dentro das histórias destes sujeitos, quando durante visitas agendadas, pude, além de obter as gravações acerca do que estava estudando, observar o olhar, o movimento e o sentimento dos personagens que compõem esta pesquisa.



## 4 DANIEL, GABRIEL, SAMUEL: NOMES COM RIMA, HISTÓRIAS COM COR

As histórias que vou narrar a seguir foram contadas por pessoas reais e são ricas em detalhes, em sentimento e em exemplos de resiliência.

Os nomes são fictícios, mas nem tanto assim. Foram escolhidos a dedo e por mãos sensíveis que enxergaram neles o valor da poesia.

*Poesia costurada ao papel  
Entrelaça as histórias com cor  
Daniel, Gabriel, Samuel...  
Será que rimam com amor?*

Eles têm muito a contar. Passemos a suas histórias.

### 4.1 A HISTÓRIA DO DANIEL: DANDO A VOLTA POR CIMA

Esta história é bastante interessante, principalmente se quisermos entender o que é um exemplo de vida resiliente.

Daniel é pai de uma aluna de estágio, que durante muito tempo lutou contra a pobreza, a fome e a solidão. Esteve boa parte da vida, sozinho. E se pegássemos o significado das palavras solidão e sozinho, tais como estão no dicionário Michaelis<sup>2</sup> (on line, 2009), estas traduziriam como foi a jornada de vida de Daniel até os dias de hoje: Consta lá, que solidão é “condição, estado de quem está desacompanhado ou só”; e que sozinho é quem está “absolutamente só; abandonado; único”.

Querem saber como é que Daniel está e como foi que chegou até o dia<sup>3</sup> em que me contou da sua vida?

Daniel nasceu em Pelotas, no interior do estado há quase 50 anos. Era o quarto dos cinco filhos de um casal. Teve uma infância alegre e recorda de muitos momentos da infância com seus irmãos.

Me lembro de brincar com meus irmãos, todos mais velhos. Na época eu era o caçula. Acho que as minhas lembranças são de quando eu tinha uns cinco anos. Na verdade eu não era o mais novo, tinha uma irmãzinha menor, mas ela ainda era um bebê de colo. Eu
---

<sup>2</sup> Dicionário on line. 2009.

<sup>3</sup> Dia dezoito de abril de 2010, data do depoimento de Daniel.

e os meus irmãos corríamos na frente da casa, brincávamos de corrida e eu, claro, sempre perdia. Meu irmão mais velho era meu ídolo. Ele era forte, sempre ganhava as brincadeiras de competição, além de comandar as brincadeiras.<sup>4</sup>

As lembranças que ele tinha da família, principalmente da relação com os irmãos, pareciam ser muito boas. No entanto, Daniel ainda lembra que apesar das boas lembranças do relacionamento que tinha com irmãos, muitas vezes passaram frio e fome. Ele relata que durante as noites, todos os irmãos dormiam na mesma cama. A casa só tinha um quarto com duas camas de casal: a dos pais e a dos filhos. A filha mais nova dormia com o casal e os outros quatro filhos dormiam numa outra cama de casal.

A gente dormia amontado, quatro numa mesma cama. Na verdade, não era tão apertado e, se não fosse isso, passaríamos muito frio. Sempre me lembro das noites frias de Pelotas. Pareciam muito mais frias que as de hoje (...). Não tínhamos muitos cobertores, nem muitas roupas e minha mãe sempre dizia que tínhamos de aguentar o frio, que a vida não era fácil mesmo, que devíamos ser fortes. E nós aguentávamos, pois achávamos que como éramos homens, tínhamos de aguentar mesmo...

A casa de Daniel era simples. Tinha três cômodos pequenos – cozinha, quarto e banheiro – e ficava atrás de um açougue local, pois o pai dele trabalhava de ajudante nesse açougue. Também fazia às vezes de caseiro para o dono do açougue, cuidando da sua casa que ficava aos fundos do estabelecimento.

Segundo Daniel, carne foi uma coisa que nunca faltou na sua casa. Inclusive havia dias em que só tinham isso para comer. O dono do açougue dava à família do caseiro carne todos os dias. Eles jantavam e almoçavam carne.

Daniel crescera vendo seu pai trabalhar no açougue e perguntava-se, desde muito jovem se era isto que ele almejava para si. Os anos foram passando, o menino foi crescendo e vendo que a vida que ele queria estava longe de ser como ajudante de açougue. Ele não estava desmerecendo o trabalho do pai, que era quem sustentava a casa, mas desejava mais do que isso.

Quando tinha sete anos entrou para a escola e conheceu muitas pessoas. Saiu daquele mundo em que vivia ele e sua família e conheceu outras pessoas, mas apesar de tudo ainda era muito novo pra pensar em sair de Pelotas.

Eu entrei pra escola logo que fiz sete anos. (...) Eu me lembro de muitas coisas de lá. Me lembro da roupa horrível que a professora usava. Me lembro do cheiro de úmido que tinha a sala e que me fazia espirrar sem parar. Lá eu resolvi que queria ser professor, que

<sup>4</sup> Os trechos a seguir foram retirados dos depoimentos de Daniel.

queria saber tudo, como a minha professora sabia. E que não queria ficar ajudando meu pai no açougue. Era bom lá, o dono do açougue era muito bom pra gente. Dava carne sem descontar do salário. Mas eu achava que meu pai trabalhava muito e ganhava pouco. Queria mais do que isso. E a escola me ajudou a ver que eu podia ser outras coisas, além daquela vida que a gente levava.

Não foi nos primeiros anos de escola que Daniel descobriu que queria crescer para além de Pelotas. Mas foi ali que começou a sua vontade de mudar de vida. De querer ser inteligente como a professora, de querer ser mais do que a vida estava lhe oferecendo. Um dia a professora disse a ele que para ser alguém, deveria estudar bastante e depois trabalhar bastante. Que iria fazê-lo pensar e o ajudaria a arrumar um bom emprego. Ele não esqueceu das palavras dela e com isso seguiu sonhando.

Daniel fez os quatro anos iniciais de sua escolaridade na mesma escola, mas essa não oferecia além do quarto ano. Então, seus pais decidiram que ele iria pra um colégio interno, um internato. Era uma escola só para homens e só com professores padres, na qual os alunos iam para morar. Passavam o ano inteiro lá. Nas férias de verão a escola abria as portas para que a família pudesse visitá-lo.

Daniel revela que na época achou estranho e sentiu falta das mulheres, principalmente das professoras. Segundo ele, os padres eram mais duros, mais rigorosos com as regras e ele sofreu para se adaptar. Algumas vezes apanhou, por não querer dormir no horário que mandavam. Outras vezes, por não conseguir comer toda a comida, que segundo ele, era horrível.

Eu entrei na escola me sentindo um homem feito, mas eu só tinha onze anos. Não havia meninas lá, nem professoras. Quem dava aula eram os Padres que mais pareciam reis. Olhavam a gente de cima, gritavam, nos ameaçavam. Eu sentia saudade das professoras, que apesar de brabas, eram muito mais gentis do que eles. (...) Eu sofri um pouco pra me adaptar, sabe. Porque a comida de lá era horrível. A da minha mãe era bem melhor. E as pessoas que trabalhavam com a gente, os homens, eram todos grosseiros. E a gente era criança. Alguns tinham menos do que eu. Uma vez eu até apanhei com uma régua de madeira, bateram no meu braço (colocando a mão no braço, próximo ao ombro) porque eu não quis comer e outra vez também porque eu não conseguia dormir. Mas depois de uns dias, quando não conseguia dormir, fingia que estava. Com o tempo, me acostumei a dormir cedo.

As coisas não pareciam fáceis pra Daniel. Ele tinha dificuldade de se adaptar com as novas regras impostas a ele. Mas ele resistia bravamente aquelas regras que, segundo ele, “eram um absurdo”.

Depois de completar um ano no internato, os pais poderiam ir visitar os internos, nas férias de verão. Os pais de Daniel não foram vê-lo. Todos os internos

receberam visitas da família, com exceção de Daniel. No ano seguinte, aconteceu o mesmo, ele continuou sem visitas. E isso se deu por cinco anos. Cinco verões sem a visita dos seus familiares. Quando ele estava saindo do antigo ginásio e entrando para o chamado curso científico, Daniel foi avisado, mais uma vez, em meio as férias de verão, que seus pais estavam lá para vê-lo.

Eu havia passado para o Ginásio, estava feliz. Já tinha amigos lá e já tinha me acostumado com aquele lugar, mas eu ainda achava que a gente não era bem tratado. Mas com tudo o que eu já tinha passado, já gostava de estar lá. Só sentia muita falta da minha família. Ainda mais no primeiro ano lá no internato, eu era uma menino... Esperei durante as férias que eles fossem me ver, mas eles não foram. No outro ano também não apareceram. Eu queria ver a minha mãe, os meus irmãos, mas ninguém foi ver como eu estava. Fiquei cinco anos sem receber nenhuma visita. Ninguém. Foi quando terminou o ginásio, num dia enquanto eu jogava bola com meus amigos, que eu fui chamado para ver minha família. Eles vieram depois de cinco anos sem aparecer, mas não fui. Não quis ver quem veio, como estavam, não quis ver nada. Se por cinco anos ninguém se lembrou de mim, eu não ia me lembrar naquela hora.

Daniel não queria ver seus familiares e queixava-se do abandono. Já estava com quase 15 anos e não queria ver ninguém de sua família. Estava pensando, naquele momento, como que ia fazer para, assim que se formasse, ir para a capital do estado.

Após as férias entraria para o curso científico, sairia dali sabendo trabalhar como marceneiro. Quando estava quase se formando, conversou com um dos seus melhores amigos da escola, para ver da possibilidade de ir morar na casa dele. O colega disse que não haveria problema, que explicaria para seus pais que Daniel não tinha família e nem para onde ir. E foi assim que fizeram.

Entrara para o curso científico e aprendera a trabalhar como marceneiro. Ele conta que foram três anos muito bons. Trabalhou muito, fazia os reparos da escola junto dos seus colegas, lixava os pisos de parquet, concertava mesas, já arriscava também fazer alguns móveis como cadeiras, mesas, ainda que sem os detalhes e arremates necessários para a venda.

Ele e seu colega, que combinara de abrigar-lhe na sua casa, formaram-se com o intuito de ir para Porto Alegre. Durante todo o tempo em que estiveram no internato ouviram as maravilhas sobre a capital, de como era mais fácil ganhar dinheiro, de que as pessoas inteligentes iam para lá.

Assim que a gente se formou, a gente foi para a casa dele, desse colega que me deixou morar com a família dele. Aí a gente ficou um ano e meio morando ali, fazendo bico de marceneiro e também de carpinteiro, para juntar um dinheiro e vir para Porto Alegre. O

meu amigo tinha um vizinho que conhecia bem Porto Alegre e nos deu umas dicas de onde ficar e onde procurar emprego. Mas durante o tempo que eu fiquei na casa dela, pensava em ver a minha família, antes de mudar de cidade. Eu nem conhecia a minha irmãzinha mais nova. E meu irmão mais velho já devia estar com quase trinta anos. (...) Um mês antes de me mudar, fui ver como eles estavam.

Daniel conta ainda que morava com seus pais apenas a menina mais nova, na época com 15 anos. Os outros dois mais velhos que ele, com 22 e 24 anos haviam se casado, mas moravam ali por perto. Ele só não imaginara que não iria ver seu irmão mais velho.

A casa estava diferente, tinham pintado de branco e feito uma cerca de madeira na frente. A mãe já tinha uma cozinha maior e também tinha mais um quarto. Eu achei que não iriam querer falar comigo, mas não. Primeiro não me reconheceram, mas depois me abraçaram. A minha irmã não sabia quem eu era, nem eu lembrava dela. Ela estava linda, com o cabelo bem comprido, uma moça já. Vi os meus dois outros irmãos, que moravam ali perto, meu pai foi correndo chamar. Mas a pior notícia que recebi foi sobre meu irmão mais velho. Bah, foi muito triste. Minha mãe me contou que ele tinha morrido atropelado. Eu chorei muito, não sabia o que fazer. Já estava até pensando em não vir mais para Porto Alegre e ficar lá com eles, ajudando.

Daniel conta que este foi o dia mais triste da sua vida, porque além de ter perdido seu irmão, seu orgulho não deixara que ele o visse durante aquela visita que o fizeram. Ele fala com um arrependimento, mas completa que, pelo menos, tem a melhor das lembranças do irmão. Aquela de quando eram pequenos e corriam na frente de casa.

Depois de rever sua família, que, segundo ele, era um “resgate necessário para a mudança para Porto Alegre”, Daniel arrumou suas malas e junto do seu colega, pegou um ônibus, numa viagem sem volta para a capital do estado.

Quando ele chegou, foi direto a um pequeno hotel, que, como ele mesmo disse, era um “tipo de albergue”, localizado no centro da cidade, nos arredores da Av. Borges de Medeiros.

Primeiramente, era necessário que arranjassem um emprego, pois as economias que juntaram durante um ano, durariam pouco mais de dois meses. Após a busca intensa para que ambos conseguissem trabalhar como marceneiros, sem sucesso, Daniel e seu amigo conseguiram um emprego em um açougue.

A gente achou que seria fácil arranjar emprego em Porto Alegre, mas não foi. Depois de tentar em vários lugares como marceneiro, acabei encontrando emprego em um açougue. Eu não estava tão longe do que sabia fazer. Apesar de sair de casa muito cedo, lembrava bem de como meu pai trabalhava dentro dos açougues. Lembrava de como eram feitos os

cortes, de como limpavam as carnes. Eu e meu amigo aprendemos na marra, como lidar com carne. Quando a gente tinha dúvida, perguntava para os entregadores, que sempre ajudavam a gente.

Trabalhou como ajudante do mesmo açougue durante mais de três anos até que conseguiu trabalhar como marceneiro, que era a profissão que gostaria de exercer, numa loja de móveis que na época localizava-se no “Caminho do meio” atual, bairro Rio Branco.

Foi nessa loja que conheceu sua primeira esposa, uma das vendedoras “mais querida dos clientes”, como ele comenta.

Ela era encantadora e bem bonita. A gente começou a namorar e ela ficou grávida. Eu não tava querendo um filho, era cedo pra mim. Mas se aconteceu, aconteceu... Casamos e alugamos um apartamento de um quarto, perto da loja de móveis pra poder ter a criança. Eu não me lembro muito dessa época, sabe... É como se tivesse sido apagado isso da memória... Sei lá...

Depois do casamento, nasceu a filha de Daniel e logo após a menina completar três anos, sua esposa engravidou novamente. Viveram bem, segundo o que ele recorda, com pouco dinheiro pra duas crianças, mas bem.

Passados alguns anos, com muito esforço e luta, Daniel abriu o próprio negócio. Fazia móveis para vender, não mais para os outros, mas para si e para o sustento de sua família. Ganharam bastante dinheiro com a venda desses, e conseguia ter certo luxo, como ele relata:

Na época, com o dinheiro que estava ganhando, comprei um carro, não muito caro, mas que ajudava a carregar as meninas. A gente pode ter mais conforto com o carro e sair mais para passear. Sempre que dava, a gente dava um passeio no domingo.

Mas o maior problema que Daniel enfrentou ainda estava por vir. No final da década de 80, o governo lançou um programa de congelamento de preços que fez com que Daniel e sua família viessem a falir. Diante de tantos problemas, seu casamento não resistiu e passados cinco anos após declarar falência, o casal se separou. Então, ele passou a fazer trabalhos alternativos, a fim de conseguir dinheiro para ajudar no sustento das filhas e para o seu próprio sustento.

Depois que o governo fez aquele plano de congelamento de preços, a nossa vida desabou. A gente não segurou o casamento. A loja faliu e a gente passou muito trabalho com as duas meninas. Eu comecei a fazer uns bicos de marceneiro, para concertar móveis em algumas lojas e ela voltou a trabalhar. Mas tudo era muito difícil... muito...

Segundo ele, depois de ficar desempregado, procurava outras alternativas de emprego, além de marceneiro. Cogitou até a possibilidade de voltar a trabalhar em açougues ou mercados, se não houvesse outro jeito. Até que consegui um emprego de zelador de um prédio, onde por um ano ficou, onde conheceu sua atual esposa, Liz<sup>5</sup>, que era prima de uma moradora do prédio.

Durante o ano em que esteve trabalhando como zelador, Daniel ficou sabendo que abriria concurso para o Banrisul.

Depois de algum tempo... sabe que eu nem me lembro do ano direito, acho que foi em 1995, que abriu um concurso pro Banrisul. Bom, eu olhei no edital e tinha que ter só o segundo grau. Já que eu podia fazer o concurso, peguei livros emprestados, comprei um material para estudar e comecei. Todos os dias, por dois meses eu lia os livros, fazia os cálculos, estudei muito. A Liz me ajudava muito e também resolveu fazer o concurso. Nós dois fomos aprovados, acredita? Mas também a gente estudou muito, dia e noite. E com isso pudemos escolher onde que a gente ia trabalhar.

Hoje, Daniel e Liz têm sua casa e mais duas meninas (uma delas foi minha aluna durante o estágio). Ambas estudam em uma escola pública e ele diz que elas poderiam estar em escolas particulares, porque estas últimas garantem mais possibilidades de estudos posteriores, mas que os dois, Liz e Daniel, preferem mantê-las nas públicas porque essas ensinam coisas para além do ensino escolar, preparam para a vida. Ele comenta que deseja que elas aprendam a viver a vida como ela é com todas as dificuldades que ela tem.

Daniel conclui sua fala e nossa conversa com uma frase simples e sublime:

Passei num concurso público, vivo bem com a minha esposa que tanto amo, cuido das minhas pequenas, o que mais eu quero da vida?

Depois de tantas adversidades enfrentadas e de mostrar-se tão resiliente, só desejo ao Daniel, felicidade.

#### 4.2 HISTÓRIA DO GABRIEL: O DESEJO DE APRENDER

A história que vem a seguir poderia ser de um menino qualquer, por que Gabriel é um menino como outro qualquer. Ele brinca, joga bola na rua, vai pra

---

<sup>5</sup> Nome trocado para preservar a identidade do sujeito

escola, tem 10 anos. Mas o que há de tão fascinante nessa história para merecer um capítulo de um trabalho de conclusão de um curso de Pedagogia?

Se este estudo fala sobre resiliência, o que pode haver nessa história tão curta, de um menino tão jovem?

Gabriel é um colorado de apenas dez anos. Ele estuda atualmente na quarta série do ensino fundamental e fez parte da minha turma de estágio no ano de 2009. Ele adora o Sport Club Internacional, seu time do coração, e seu maior desejo é tornar-se jogador deste time.

Foram três encontros<sup>6</sup> com o menino, sendo que um deles com toda a família, outro com a mãe e outro, ainda, somente com ele.

A família é constituída por pai, mãe e quatro filhos: a Maria, mãe “insistente” (dona de casa, 38 anos), o José, pai “bonzinho” (porteiro, 40 anos), o Gabriel, filho “teimoso” (10 anos), a Júlia, menina “inteligente” (seis anos) e a Mariana, guria “corajosa” (15 anos)<sup>7</sup>. Esses adjetivos não foram escolhidos por mim, tampouco aleatoriamente.

A primeira conversa gravada, que se deu em um delicioso café na casa do menino, onde estava toda a família presente. Todos iam adjetivando cada um dos membros da família, conforme eu ia perguntando quais eram as características de cada um. Todos falavam ao mesmo tempo até que chegavam a um consenso: José foi considerado pai bonzinho porque deixa fazer o que todos querem. A filha Júlia foi caracterizada como “inteligente” por ser uma menina que gosta de ir para a escola e de estudar. A irmã mais velha, Mariana recebeu o adjetivo corajosa, por ter coragem de sair de casa tão jovem para cuidar de seu filho – a jovem teve um bebê no final do ano passado e não mora na casa com o restante da família, mas estava presente no dia da gravação.

Algumas das falas de Gabriel a respeito de sua irmã se encaixam perfeitamente neste trabalho:

A mana quis sair de casa. Ela tem um filho agora, sabia? Disse que quem vai cuidar dele é ela e não a minha mãe. A mãe disse que é bom pra ela... <sup>8</sup>
--

---

<sup>6</sup> Dias 11 e 24 de abril e três de maio.

<sup>7</sup> Os nomes foram trocados para preservar a identidade dos sujeitos.

<sup>8</sup> Trechos retirados dos depoimentos de Gabriel e Maria.



Mas este recorte não foi o objeto de estudo deste trabalho. Ele somente contribuiu para que eu obtivesse uma melhor compreensão do comportamento dessa família.

Voltando aos adjetivos, quero retomar, com mais rigor, as duas palavras que mais tiveram importância nesta conversa inicial e que desencadearam o início deste capítulo: A mãe insistente e o filho teimoso. A família os nomeou assim e tem um motivo forte para isso. Não estão somente caracterizando estes dois como o menino que não obedece e a mãe chata, como foi dito em outro momento, mas (re)significando-os quando retomam esses adjetivos e os esclarecem. A fala de Mariana, talvez elucide o que quero dizer:

O Gabriel teima com a mãe e a mãe teima com o Gabriel. Eles brigam porque são parecidos. Porque não arredam pé do que pensam e do que acham certo. Mas ele não é teimoso sempre também... ele respeita a mãe.

E se buscarmos o significado dessas duas palavras, veremos que elas entrecruzam seus sentidos e trocam seus significados. Insistente pode ser aquele que é teimoso e vice-versa.

Por isso, quero me deter principalmente nas teimosias insistentes do Gabriel e nas insistências teimosas de Maria. Os registros falados desses dois sujeitos são repletos de significados e carregados de práticas resilientes, ainda que invisíveis aos olhos de ambos. Sem saber, Gabriel recebe de sua mãe, a motivação necessária para seguir em frente.

A mãe vive dizendo que eu tenho que fazer as coisas sozinho, que tenho que aprender a me virar. Eu sei disso... Ela me levou na peneira do Inter a primeira vez que fiz teste lá. Só que eu não passei. Aí ela disse né, profe, que se eu quisesse ir de novo, ia sozinho.

Num primeiro momento, pode-se acreditar que a mãe de Gabriel não quer ajudá-lo, ou talvez não deseje que seu filho se frustrasse, caso não seja selecionado, ou ainda outras várias hipóteses que nos fazem pensar o porquê de Maria não querer mais levá-lo aos testes, mas ao ouvir a fala dessa mãe, podemos tirar outras conclusões:

O Gabriel tá pensando que a vida é moleza e ele tem que aprender que não é. Ele é pobre e ele é negro. E só quem passa por algum tipo de preconceito sabe o que ser discriminado. Eu não quero que o meu filho passe por isso e não saiba depois como lidar

com essas coisas. É claro que eu me preocupo se ele vai sozinho até o jogo, mas ele tem que saber fazer as coisas por ele, porque ninguém aí fora vai fazer.

O depoimento emocionado da mãe demonstra a preocupação com o filho, não somente com os perigos visíveis a “olho nu”, como assaltos, violência física, entre outros, mas também com os invisíveis, que segundo ela são os mais perigosos.

Eu me preocupo se ele for assaltado, porque não quero que machuquem meu menino. Mas se ele sofrer preconceito por ser negro, pode ficar com feridas maiores. Eu não tenho estudo, vi Carol, só fiz até a 8ª série, mas a vida ensina muita coisa, sabe. E eu aprendi na marra, porque nunca fiquei debaixo da saia da minha mãe. Ele também vai aprender a se defender e a passar por cima dos problemas. Assim como todos aqui em casa.

Além de fazer com que os filhos lutem por aquilo que almejam, Maria ainda estimula-os a isso. Digo isso depois de ouvir o que João me disse, quando foi reprovado pela terceira vez na seleção para as categorias de base do Internacional.

Ah, eu to tentando lá, mas já é a terceira vez que eu vou. Se não der agora, não vou de novo.

E depois da intervenção da mãe na nossa conversa, ele retoma o que disse:

Ah, eu sei... é difícil mas eu vou tentar de novo. E não vai ser a última, porque se não der eu vou tentar de novo, né, mãe. Só vou parar quando a gente achar que não vai dar mais mesmo. Mas eu sei jogar bola né, profe? Tu já me viu jogar, sabe que eu sei.

A intervenção da mãe, diante da possível desistência de João, foi simples: ela disse a ele que tentasse mais uma vez, se fosse do desejo dele e que o time iria pegar alguém para entrar nas categorias de base. Se não fosse ele, seria outro. E ainda ressaltou que se ele quisesse mesmo algo, não poderia parar diante do primeiro obstáculo.

Os obstáculos aparecem, Gabriel. Se tu conseguir entrar agora, sei que vai ter muito mais valor pra ti jogar no time.

As falas de encorajamento e motivação da mãe para todos os filhos têm grande parcela de responsabilidade sobre as escolhas e práticas deles. Ela os

estimula a crescerem como sujeitos resilientes, responsáveis por suas vidas e pela de quem os cerca.

As conversas com esta família terminou com um ponto de interrogação na minha cabeça: será que eu, enquanto professora, conseguirei ter uma docência que exercite a resiliência nos meus alunos?

Essa resposta eu ainda não sei, mas eu posso responder outra, que nesse momento é de tanta importância quanto as minhas dúvidas. Um mês depois de realizar a última gravação de conversa com este menino, encontrei-o, por acaso, na rua, indo para a aula, por volta das 13 horas. Ele me deu um abraço fervoroso e disse:

Sora, Sora! Nem sabe? Passei na peneira do Inter [...]. Tô no sub-11.
---

As pessoas resilientes conseguem desenvolver a capacidade de recuperar-se e readaptar-se novamente frente a cada obstáculo. Quanto mais resiliente for o sujeito, maior será o seu desenvolvimento pessoal. Isto faz com que esta pessoa motive-se ainda mais e consiga contornar as situações mais tensas.

No caso das duas histórias apresentadas, as práticas resilientes são evidentes. Na primeira, Daniel passa por obstáculos visíveis e invisíveis todos os dias da sua vida, até sua chegada na capital do estado, onde mora hoje com mulher e filhas. A segunda história evidencia as inúmeras práticas resilientes da família de Gabriel, menino que aprendeu dentro de casa a enfrentar as situações que lhe aparecem.

#### 4.3 HISTÓRIA DO SAMUEL: TALVEZ SIM, TALVEZ NÃO

A última história de que quero contar vem para fazer um contraponto com as outras duas. Vem para desconstruir o que foi construído neste trabalho, para repensar o que já estava pensado.

Nos depoimentos a seguir, nós não encontraremos as mesmas práticas resilientes que encontramos nas histórias anteriores, mas essa faz com que reflitamos sobre o porquê de algumas pessoas conseguirem ser resilientes e outras não.

O sujeito que contempla este capítulo, chama-se Samuel. Ele tem 12 anos e frequenta a quarta série do ensino fundamental. É o caçula da família e mora com o pai, a mãe e mais um irmão. Ainda tem outro irmão, o mais velho de todos, que está preso no Presídio Central de Porto Alegre, devido a um assalto que fez a um banco, no final de 2007.

Samuel é um menino que apresenta algumas dificuldades em expressar o que sente. Digo isso, pois enquanto fui professora dele, percebia que ele irritava-se com frequência, às vezes, sem motivos aparentes, e ficava o resto da aula sentado, sério, sem dar uma palavra. Por mais que o chamássemos, ele não levantava da cadeira e continuava ali, durante toda a manhã, levantando-se apenas para ir pra casa no final da aula.

O início do estágio foi complicado, porque diante dessas situações eu ficava sem ação. Eu falava, chamava-o de volta para a aula, os colegas ajudavam-me a tentar fazê-lo participar, mas nada adiantava. A primeira vez que consegui fazê-lo voltar para a aula e a participar novamente do que estava acontecendo em sala, foi quando escrevi um bilhete, dizendo que eu gostava muito dele, que as participações dele em aula faziam muita falta, que o grupo precisava dele e que eu não sabia o que acontecia quando ele se emburrava e que, assim, não poderia ajudá-lo. Eu já havia falado isso antes, mas depois que escrevi o bilhete e deixei na sua mão durante todo um intervalo, em que ele não quis sair da sala de aula, as coisas começaram a melhorar. Notei que ele guardou aquele bilhete amassado na mão até o final da aula. Quando estava chamando-os para ir embora, todos saíram e só ficou ele, que se levantou, me deu um abraço e me pediu desculpa e me deixou um bilhete de resposta: “Desculpa, Sora, eu gosto de ti que bom que tu ta aqui com nós eu nao quero brigar com os colegas dai fico queto”<sup>9</sup>.

Conversamos durante o caminho e eu fui percebendo o quão afetuoso ele era, embora não demonstrasse isso como os demais alunos. Sempre me esperava para acompanhar em parte do caminho, até sua casa, e no último dia de aula, chorou, me abraçou e disse que ele queria que todas as professoras dele fossem como eu, que não gritassem quando ele quer ficar quietinho, no canto dele.

Eu conto essa história, para que possamos entender complexidade das relações que esse menino estabelece com os demais e da dificuldade que ele tem

---

<sup>9</sup> A frase foi transcrita conforme o aluno escreveu.

para tanto. E isso também aparece na família dele, que, primeiramente, não quis me receber, pois pensava que fosse algum tipo de investigação. A primeira vez que fui tentar conversar a mãe já me recebeu assim: “Tu quer investigar alguma coisa aqui?”

Eu tive de explicar que o meu trabalho final da faculdade era sobre meus alunos e que gostaria de conversar com as famílias para obter informações sobre a vida deles. Ela acalmou-se, mas não deixou que eu gravasse a primeira conversa. Mas também pouco falou e eu resolvi ir embora. Não estava me sentindo à vontade ali.

Samuel foi me levar até um pedaço do caminho e disse pra eu não “dar bola” para a mãe dele, que ela era braba mesmo, mas que ele gostaria de me ajudar no trabalho da faculdade e que iria falar com ela. Isso foi num domingo<sup>10</sup> e já na segunda-feira a mãe me ligou para que eu voltasse quando pudesse e combinamos para o sábado<sup>11</sup>.

Nesse dia, consegui convencê-la a gravar a nossa conversa, que se deu apenas com o Samuel e sua mãe. O irmão havia ido para um show no Anfiteatro Pôr do Sol e o pai estava dormindo. Ela permitiu que eu gravasse, mas pediu que não colocasse os nomes deles na conversa. Concordei.

Me desculpa, professora, te receber daquele jeito semana passada. O Samuel me explicou que tu foi a profe dele e que precisa fazer um trabalho para poder se formar. Eu posso te ajudar sim, só não quero que tu fale os nossos nomes, tá bom?

Nessa família, assim como na primeira, fiz um dia de gravação de conversas. Nesta porque só consegui gravar um dia com a permissão da mãe. Mas foi suficiente para tornar-se meu objeto de análise.

A nossa conversa começou falando da nova escola que Samuel estava frequentando, já que a antiga foi fechada pelo governo do estado. Logo já percebi algumas coisas importantes na fala da mãe.

O Samuel é meio burrinho, não gosta de estudar. Não se esforça para aprender, por isso que já repetiu tantas vezes. Depois o pai dele briga com ele, pra ver se ele não fica igual ao irmão mais velho...

---

<sup>10</sup> Dia 25 de abril de 2010.

<sup>11</sup> Dia 1º de maio de 2010, feriado.

A fala da mãe, já está carregada de uma culpabilidade em cima do menino por não conseguir se sair bem na escola. Ele carrega o rótulo de repetente na escola e outro em casa: o de burro. E ele acredita nisso, afinal de contas, todos insistem que ele não consegue aprender.

Eu sou burro mesmo, Sora. Eu não vou aprender nada aqui na Escola<sup>12</sup>. Vou lá pro Rio Branco que lá tem briga no recreio. É que é difícil aqui. Eu não sei fazer sozinho. Só conseguia lá na nossa aula.

O discurso do menino trazia falas do irmão que estudava em outra escola e que, algumas vezes, brigava nos intervalos e ia para casa com bilhetes da professora no caderno. O irmão tem 16 anos, está na sexta série e, segundo Samuel, ele não gosta da turma, diz ter muitas “criancinhas”.

A mãe retoma a conversa dizendo que faltava um mês para a entrega das avaliações e este dia sempre era um pouco tenso em casa, porque vinham as notas dos meninos. Ela comenta ainda que quando vinha tudo descrito, sem notas, o clima ficava um pouco melhor, mas que agora eles veem de longe as notas vermelhas.

Enquanto eu conversava com a mãe sobre as avaliações dos meninos, Samuel manifesta-se:

Quando eu chegar em casa com o boletim, o pai vai me levar pro quarto.

Eu perguntei o que ele ia conversar no quarto e a mãe desconversou, para que não entrássemos em detalhes, e seguiu falando da festa que o irmão foi, no anfiteatro, em comemoração ao dia do trabalho, que ele saía muito, chegava tarde em casa. Samuel expressou o desejo de estar lá com o irmão, mas foi interrompido pela mãe, que disse que ele era pequeno demais para ir ao show, que poderia perder-se.

Eu sou pequeno pra sair com o meu irmão. Eu sou grande só às vezes.

A mãe, diante disso, disse que Samuel estava chateado porque queria ir ao show, mas que ele sempre vai até a casa do colega da escola. Mas o menino relatou que vai só quando o irmão vai junto, levá-lo (a casa do colega fica a três quadras da

---

<sup>12</sup>O nome da escola não foi exposto para preservar os sujeitos

casa da família). Ainda ressalta que ela tem medo que ele saia e não saiba voltar pra casa, que se machuque, que acabe como o irmão mais velho.

Eu não quero que o Samuel sofra tentações na rua, como o irmão. Não quero que ele corra riscos. Se o João<sup>13</sup> está preso foi porque eu deixei ele solto, pra fazer o que quiser. O Samuel não. O meu menininho vai ficar onde eu consigo ver.

A conversa com essa família foi breve. A mãe não queria falar, o pai estava dormindo, mas é possível perceber que há, nesse caso, uma proteção excessiva da mãe com relação ao externo. Ela apresenta receio do que possa acontecer com ele enquanto estiver longe dos seus olhos e ressalta que não quer que ele seja preso, como o irmão. Enquanto a mãe desse menino relembra-o a todo instante que ele é pequeno, o pai, no entanto, afirma que ele já cresceu e que é responsável por suas atitudes na escola.

A confusão que se cria na cabeça desse menino, faz com que ele não consiga ser resiliente. Diante dos problemas que aparecem, ele fica emburrado. Não consegue passar por eles, resolvê-los ou ainda esquecê-los. Fica remoendo as histórias e se entristece com isso.

Os depoimentos dessa família são diferentes dos demais. Não possuem uma história para contar, ou melhor, não querem ou conseguem contar a sua história. E esse menino não exprime vontade em fazer coisas que lhe dão prazer e quando exprime, é reprimido pela mãe, que se utiliza do discurso de que esse é muito jovem e não pode fazer o que quer. Mas esquece que o pai o trata como adulto e responsável pelas suas ações.

O título desta história manifesta uma dúvida: talvez sim, talvez não.

Samuel não sabe se cresce ou se continua criança. Não sabe se fala ou se fica calado. Não sabe se brinca ou se estuda. Não consegue unir as discordâncias entre pai e mãe e vive sempre na dúvida sobre quem é.

Na família de Samuel, enquanto a mãe relata que ele deve ficar sob seus olhos, como seu menininho, o pai cobra uma postura mais adulta e de mais responsabilidades, ao contrário da família de Gabriel, onde a mãe expressa a sua vontade de ver o menino andar com suas próprias pernas, para que ele aprenda a ter responsabilidade e não para que essa seja imposta para ele.

---

<sup>13</sup> Nome do irmão de Samuel, trocado para preservá-lo.

## 5 (RE)APRENDER A SONHAR...

O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados, mas é, antes de tudo, aprender a aprender; é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola (PIAGET, 1998)

Muitas pessoas passam por situações muito difíceis, por crises familiares graves, como desemprego, falta de dinheiro, de qualidade de vida, morte de alguém próximo e querido, perdas materiais, como de casas, carros, como consequência de desastres (incêndios, alagamentos, deslizamentos): essas situações que algumas pessoas têm de enfrentar, são um tanto traumáticas e fazem, muitas vezes, com que desistam de lutar pela própria vida. Porém, indivíduos resilientes conseguem passar por esses problemas que lhe aparecem, sem “desabar” ou desestruturar-se. Podemos comparar, nesse caso, esse sujeito a uma mola e remeter-nos à origem do termo, na física, que fala no poder de recuperação dos materiais depois de sofrerem deformações. Qualquer grande crise apresentada ao sujeito, traz junto um grande desafio: ser flexível, forte, para enfrentar e chegar a soluções para os problemas que aparecem.

Ao refletir sobre as três histórias apresentadas, penso que podemos responder à pergunta inicial deste trabalho: Histórias de vidas resilientes: o que podemos aprender com elas?

Ao viver em um ambiente repressor, Daniel, o primeiro personagem, relata a vontade que o motivava a crescer e a pensar em uma nova vida. Sempre recebeu carinho na sua casa. No entanto, ficou esquecido durante anos num colégio interno, sem receber uma visita. Daniel confiava em si, e mesmo vivendo sob dificuldades, conseguia pensar num futuro diferente. Lutou para isso, contra a pobreza e contra a falta de família. É como se as adversidades por quais passou, tivessem dado a ele mais força.

Compartilho com Tavares (2001, p. 52) a idéia de que

Não há dúvida de que o desenvolvimento de capacidades de resiliência nos sujeitos passa através da mobilização e ativação das suas capacidades de ser, de estar, de ter, de poder, de querer, ou seja, pela sua capacidade de auto-regulação, auto-estima como rasgo essencial da personalidade. As pessoas, mesmo aquelas que têm carências e necessidades especiais, são



imensamente ricas, dispõem de enormes recursos, são sujeitos de poder e de querer, de vontades imensuráveis.

A vontade que Daniel tinha de mudar de vida, dava a ele força para superar os obstáculos. Ele lembra com detalhes da sua vida passada e enfatiza que foram os problemas que aparecem que lhe deram força para seguir em frente, mas por que ele soube enfrentá-los e não ficou de braços cruzados esperando passar.

Já na história de Gabriel, a família que o compõe ajuda-o a ser resiliente. Enquanto o menino tem de enfrentar os desafios, a família torce e investe nas suas atitudes, desde que essas, segundo a mãe, não coloquem em risco a sua vida e nem venham a prejudicar a ele e a outras pessoas.

Ele tem a liberdade de poder tomar as decisões, sempre com o aparato familiar por trás, que o apóia, dando-lhe força.

Tavares (op.cit., p.56) aponta que

A pessoa como um sujeito que toma decisões terá que ser capaz de auto-regular-se com base verdadeira auto-estima e auto-controle que pressupõem não apenas conhecimentos abstratos a nível cognitivo e metacognitivo, mas também conhecimentos concretos, experiências em que a emoção, o sentimento, à luz dos estudos e investigações mais avançadas sobre a matéria, assumem uma importância primacial..

Analisando essa história e também a de Samuel, enxergamos que a melhor maneira de ajudar as pessoas é ajudando-as a se afirmarem como sujeitos de sua própria ação, desenvolvendo em cada um deles a “auto-estima” (p. 52) e a auto-confiança necessárias para promover seu desenvolvimento.

É essencial que o sujeito torne-se resiliente, que tenha práticas resilientes para melhor reagir aos desafios da vida.

## 6 FIM OU (RE)COMEÇO?

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para com o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (FREIRE, 1999, p. 60).

Ao fim deste trabalho demonstro meu contentamento em relação ao estudo que fiz sobre as histórias de vida e sobre a resiliência. Não posso deixar de evidenciar que esta pequena pesquisa não me faz dominar o assunto em questão, mas torna-me ainda mais curiosa frente às contribuições que essas discussões sobre resiliência podem trazer, principalmente na minha atuação enquanto docente. Se eu, como professora, conseguir ter práticas mais resilientes na sala de aula e conseguir reagir frente aos problemas pessoais e profissionais, provavelmente, conseguirei também, formar crianças e, conseqüentemente, cidadãos cada vez mais resilientes.

Os professores e os alunos, os educadores e os educandos, os formadores e os formandos, os docentes e os aprendentes, terão que conhecer e experienciar o mundo em que vivemos com sua riqueza e a sua pobreza, os seus êxitos e seus fracassos, as suas vitórias e as suas derrotas, as suas alegrias e os seus dramas, a sua abundância e a sua miséria, a sua felicidade e a sua infelicidade, a sua esperança e o seu desespero (TAVARES, 2001, p. 49).

Mas para que eu possa formar sujeitos resilientes, é necessário que todos compreendamos os processos que envolvem a sala de aula e que fazem aparecer diante dela, tantas adversidades. Conforme Castro (2001, p.117)

As ações de ensino, em seus múltiplos aspectos e relações compartilhadas nos ambientes escolares, geram inquietações e ansiedades entre os professores iniciantes. Isso exige deles um conhecimento básico e saberes escolares específicos que lhes favoreçam promover aprendizagens significativas junto a seus alunos. Além disso, a todo momento, devem estar atentos às condições pessoais e relacionais impostas pelo contexto basicamente dinâmico e inteiramente humano em que atuam.

Castro (2001) nos situa a ideia de que sabemos que os professores deparam-se com cobranças e interesses que atraem para eles adotar uma rápida resolução

dos problemas e que isso pede um equilíbrio emocional do profissional, para que ele consiga reagir frente a tais situações.

Tavares (2001, p.48) complementa a ideia de Castro dizendo:

É preciso por as pessoas a pensar, a refletir, a questionar e a questionar-se e não a perguntas colocadas pelos outros e, designadamente, pelos professores e educadores cuja resposta se reduz a adivinhar ou reproduzir simplesmente aquilo que já está implícito na pergunta. Os processos e as estratégias de aprendizagem, pelo contrário, deverão desenvolver nos alunos e nos professores a capacidade de se deslumbrarem e questionarem permanentemente este mundo fenomenal que somos e nos envolve no afazer da sua explicitação e compreensão.

Quando um professor começa a sua carreira docente, enfrenta, inicialmente, muitas tensões frente a problemas que parecem insolúveis, principalmente diante da sua inexperiência. Contudo, com o passar do tempo, essas tensões tendem a diminuir, pois, com a prática, o professor começa a aprender como lidar com a realidade em que está inserido e com as dificuldades que esta promove.

Utilizo-me ainda das palavras de Becker (2010, p.17), as quais parecem complementar o que quero dizer:

Na medida em que o sujeito repete uma ação, ele não apenas aumenta seu domínio sobre o objeto (conteúdo), sobre o qual exerce a ação, mas atinge, progressivamente, os mecanismos íntimos de suas ações, transformando-os; refaz, portanto, sua capacidade de conhecimento e aumenta a sua capacidade de aprender.

Toda e qualquer mudança provoca no sujeito um desequilíbrio inicial que acaba nos exigindo adaptações. Castro (2001) comenta que os profissionais, nesse caso professores, que conseguem readaptar-se frente a imprevistos, acabam por “demonstrar-se mais afetivamente sensíveis aos possíveis obstáculos e resistências a tal intervenção” (op.cit., p.123).

Portanto, esses professores, que assim procedem, repensam seus fundamentos, seus sucessos e fracassos, acertos e erros, numa ação inteligente e dinâmica em busca da melhoria profissional. Estando ou não familiarizados com esta orientação, através de curso de formação, eles vêm procurando refletir sobre seu próprio trabalho, atuando como profissionais práticos, enfrentando situações problemáticas, incertas e conflituosas a todo o momento

Por entender que a nossa sociedade atual pede atitudes e respostas eficientes diante de tantas mudanças, penso que é indispensável refletir sobre a formação de professores e pensá-la de modo a atender estes profissionais, para que eles possam dialogar com a realidade de que irão atuar.

Para concluir, Castro (op.cit., p.126) afirma:

No conjunto das ações daqueles que se preparam e se comprometem com a educação, concretizam a partilha de saberes em um trabalho coletivo, procurando conciliar o rigor, a eficácia e a convivialidade. Certamente reunirão mais competências para melhor formar os novos professores, que irão conviver com novos tempos, com certeza mais resilientes

Escrever este trabalho me deu enorme prazer, pois na medida em que ia transcrevendo trechos das conversas, ia expondo junto delas, sentimentos dos sujeitos e meus.

O início da escrita foi como cavar um buraco para encontrar um tesouro. Cavar bem fundo, tirar um monte de terra e ter a impressão de que não encontraria nada. Agora, frente a este estudo, percebo que mais do que encontrar tesouros, encontrei ideias e inspirações dentro de um mesmo baú: a vida.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando; BECKER, Tânia (Orgs.). **Ser professor é ser pesquisador**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

CASTRO, Maria Aparecida Campos Diniz de. Revelando o sentido e o significado da resiliência na preparação de professores para atuar e conviver num mundo em transformação. IN: TAVARES, José (Org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 115-126

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 11. ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

MICHAELIS, Dicionário. Disponível em: <http://www.michaelis.com.br>. Acesso em 15 mai. 2010.

PEREIRA, Anabela. M. S. Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. IN: TAVARES, José (Org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 77-94.

PIAJET, Jean. **Sobre Pedagogia: textos inéditos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PRIBERAN, Dicionário. Disponível em: <http://www.priberan.com.pt>. Acesso em 15 mai. 2010.

RALHA-SIMÕES, Helena. Resiliência e desenvolvimento pessoal. IN: TAVARES, José (Org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 95-114.

TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. IN: TAVARES, José (Org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 43-76.

YUNES, Maria Angela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. IN: TAVARES, José (Org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-42.

## ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar, qualitativamente, histórias de vida. Dentro deste contexto pretende-se identificar onde aparecem práticas resilientes, que consistem na capacidade das pessoas reagirem com flexibilidade a situações adversas e desfavoráveis, readaptando-se após o choque.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado dos objetivos da pesquisa de forma clara e detalhada. Recebi informações a respeito dos instrumentos de pesquisa a serem utilizados e esclareci dúvidas referentes à pesquisa. A pesquisadora me informou que o objetivo dessa pesquisa é refletir sobre as histórias de vida apresentadas e vincular o conteúdo dessas histórias com a capacidade de superação das adversidades apresentadas por essas pessoas, mas assegurou que meus dados pessoais não serão divulgados, evitando minha identificação.

O uso do gravador será utilizado com a minha permissão.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora  
Ana Carolina Rysdyk da Silva

\_\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado  
Nome:

\_\_\_\_\_  
Data